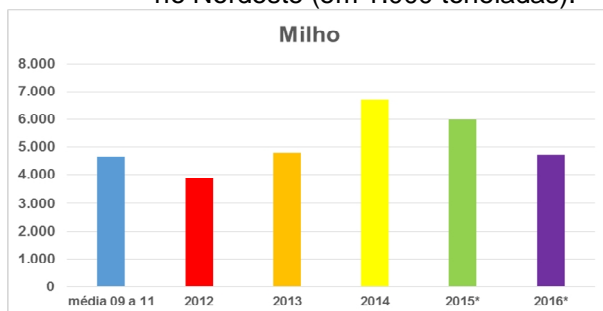




1. Produção agrícola e a seca.

Boa parte do Semiárido se encontra ainda no período seco, que se iniciou em 2012 e se prolonga até os dias atuais. Conforme demonstrado abaixo, os prejuízos sobre a produção agropecuária tiveram seu pico negativo entre 2012 e 2013. A produção de mandioca, que chegou a ter queda de 40%, até hoje não conseguiu se recuperar. A previsão para 2016 é a persistência da queda de 34% para a cultura. A produção de feijão foi a mais afetada no início da seca. Chegou a ter uma queda de 67% e ainda não chegou aos patamares de antes do início da seca, mantendo uma queda de 18% (ver gráficos 2 e 3, e Tabela 1, abaixo).

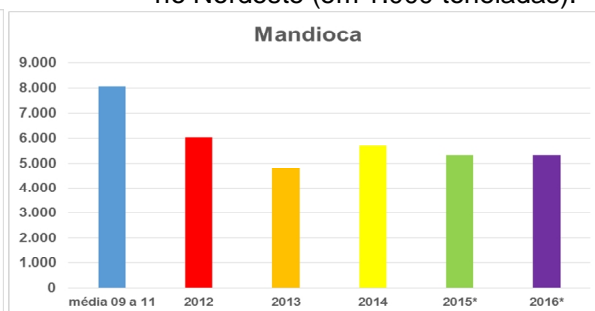
Gráfico 1 – Quantidade produzida de milho, no Nordeste (em 1.000 toneladas).



Fonte: IBGE, PAM

*Previsão de safra IBGE

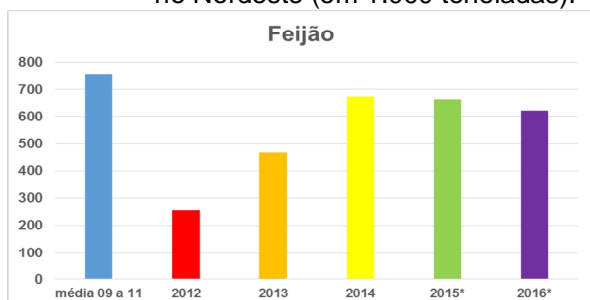
Gráfico 2 – Quantidade produzida de mandioca, no Nordeste (em 1.000 toneladas).



Fonte: IBGE, PAM

*Previsão de safra IBGE

Gráfico 3 – Quantidade produzida de feijão, no Nordeste (em 1.000 toneladas).



Fonte: IBGE, PAM

*Previsão de safra IBGE

Tabela 1 – Porcentagem de perdas em relação à média dos anos de 2009 a 2011.

PRODUTOS	Perda de produção, em %, referente à média 09 a 11				
	ANO				
	2012	2013	2014	2015*	2016*
Feijão	-67	-38	-11	-13	-18
Mandioca	-25	-40	-30	-34	-34
Milho	-17	3	44	29	2
Banana	-7	-9	-4	-13	-12
Castanha de caju	-58	-41	-42	-44	17
Laranja	4	-9	-7	-16	-15

Fonte: IBGE, PAM

*Previsão de safra IBGE

Já a quantidade produzida de milho recuou 17% (Gráfico 1 e Tabela 1) no primeiro ano de seca, porém, apresentou grande elevação nos outros anos. Isso ocorreu devido à chuva na região litorânea do Nordeste e à migração dos campos de cultivos para a região denominada MATOPIBA. Esta é formada por parte dos municípios dos Estados do Maranhão (33%), Tocantins (38%), Piauí (11%) e Bahia (18%). De acordo com dados do IBGE e da Conab, a Região foi responsável por 9,7% da produção de 201,5 milhões de toneladas de grãos prevista para o país na safra 2014/2015.



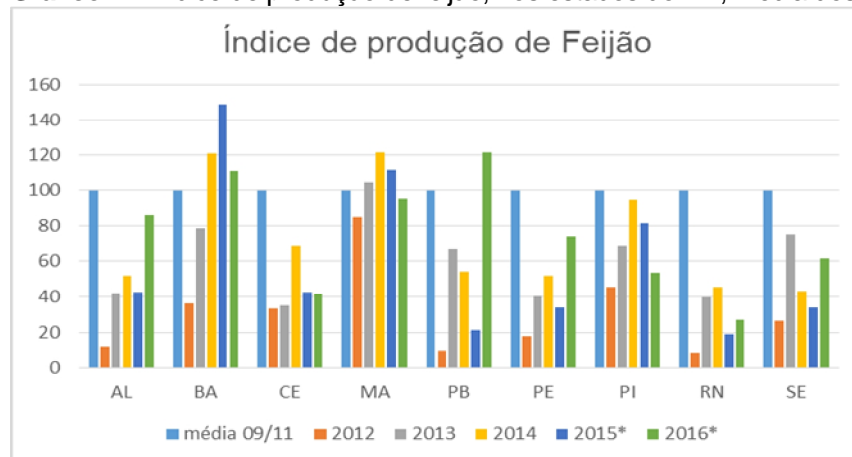
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Crédito e Estudos Econômicos
Coordenação-Geral de Estatísticas

No caso das culturas permanentes, as projeções de safra do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE, mostram que a banana teve uma pequena queda, a qual se manteve ao longo desses anos de estiagem. Com relação à laranja, esta apresenta uma previsão bem negativa para essas últimas duas safras de 2015 (valores praticamente fechados) e de 2016 (estimativas). A perda esperada, a partir da média 09/11, para essas culturas, é de 16% e 15%, respectivamente. Já a castanha de caju, que experimentou perda de 58%, durante esse período de seca, tem perspectiva de um grande aumento de produção que deverá ultrapassar os valores de antes do período de estiagem. A produção deve ficar 17% acima da média conseguida entre 2009 e 2011; muito devido à produção do Ceará (Gráfico 6).

Conforme pode ser observado nos gráficos abaixo (gráficos 4 a 7), as perdas de produção foram elevadas nos estados que possuem a maior parte de seu território na Região do Semiárido e foram menos intensas nos estados que possuem cerrado em seu território, região, esta, denominada MATOPIBA. Consoante o estado do Maranhão não possui nenhum município integrante da sub-região do Semiárido, ele foi relativamente pouco atingido pela seca. A Bahia e o Piauí foram fortemente impactados pela estiagem nas porções dos seus territórios que fazem parte do Semiárido, isso pode ser observado no primeiro ano de seca, 2012. Todavia, nos anos posteriores, as safras estaduais de milho e feijão não caíram tanto, porque a produção migrou para as áreas de cerrados – o sul do Piauí e o oeste da Bahia –, as quais são grandes produtoras agrícolas e não foram tão atingidas por este período de estiagem.

Com relação à castanha de caju, esta não foi atingida no Estado de Alagoas e teve uma rápida recuperação na Bahia (Gráfico 6). A cultura, nesses estados, está localizada na região mais litorânea, o que contribuiu para o quadro de boa produção ao longo do período em estudo, já que, apesar do longo período de seca, a região litorânea foi agraciada por chuvas. Já nos outros estados do Nordeste, onde o Semiárido é mais expressivo, a cultura teve grandes perdas. Com exceção do Ceará, onde a produção deve ultrapassar os números do período anterior à estiagem, não há previsão de grande recuperação para a cultura na presente safra.

Gráfico 4 – Índice de produção de feijão, nos estados do NE, média dos anos 2009 a 2011 = 100

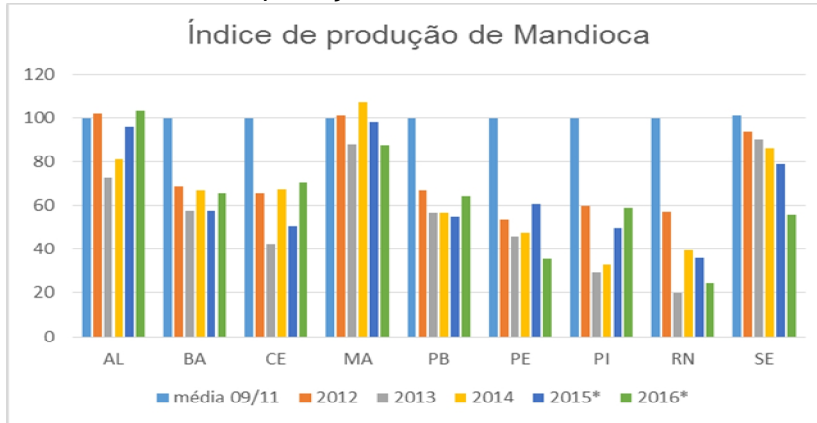


Fonte: IBGE. PAM e LSPA (estimativa *2015 e *2016, edição de julho de 2016)



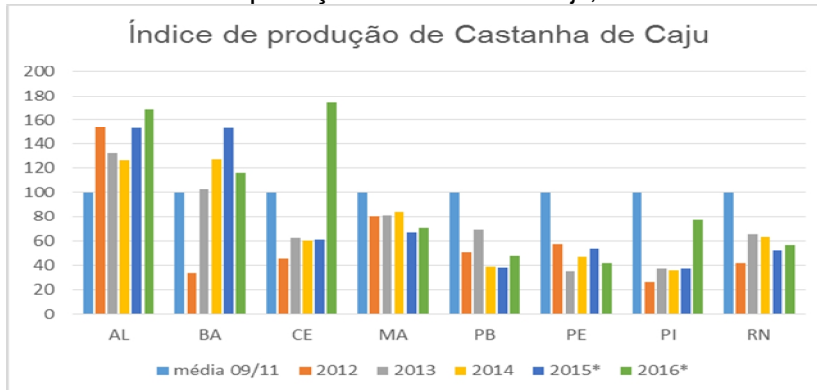
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Crédito e Estudos Econômicos
Coordenação-Geral de Estatísticas

Gráfico 5 – Índice de produção mandioca, nos estados do NE, média dos anos 2009 a 2011 = 100



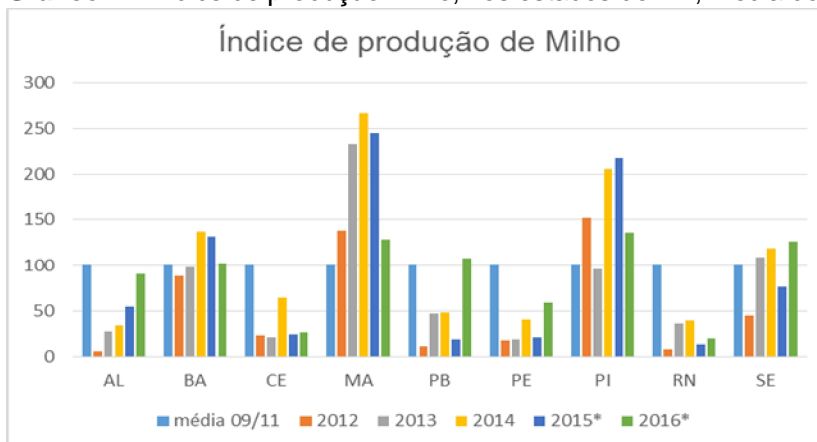
Fonte: IBGE. PAM e LSPA (estimativa *2015 e *2016, edição de julho de 2016)

Gráfico 6 – Índice de produção de castanha de caju, nos estados do NE, média dos anos 2009 a 2011 = 100



Fonte: IBGE. PAM e LSPA (estimativa *2015 e *2016, edição de julho de 2016)

Gráfico 7 – Índice de produção milho, nos estados do NE, média dos anos 2009 a 2011 = 100



Fonte: IBGE. PAM e LSPA (estimativa *2015 e *2016, edição de julho de 2016)



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Crédito e Estudos Econômicos
Coordenação-Geral de Estatísticas

Segundo o que pode ser constatado pelos gráficos, o impacto da seca foi mais agudo e tem sido mais duradouro nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Com exceção da castanha de caju, no Ceará, e feijão, na Paraíba – que para 2016 a expectativa é de aumento considerável da produção –, os diversos produtos não experimentarão alta a patamares superiores ao período anterior ao da estiagem.

Sergipe apresenta uma produção discrepante, de um ano para outro, para milho e feijão, não mantendo um padrão de perda ou ganho lineares. As culturas, no geral, tiveram perdas no início da estiagem, recuperaram um pouco, em 2013 e voltaram a perder no ano seguinte. O feijão, por exemplo, voltou a apresentar prejuízos em 2015. Há uma perspectiva de recuperação dessa cultura, em 2016, para Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, mas, exceto no caso da Paraíba, não chegarão aos patamares da média.

No CE, PB, RN e PE, a produção de milho permaneceu baixa até 2015. Em contrapartida, Alagoas, a partir de 2013, manteve crescente a produção, após a cultura ter quase sido dizimada, em 2012. Há previsão de crescimento da produção, em 2016, acima dos patamares médios de 09/11, para Maranhão, Paraíba Piauí e Sergipe. (Gráfico 7).

Com relação à mandioca (Gráfico 5), só em Alagoas e Maranhão a produção resistiu em 2012. Os dois estados em questão apresentam menores perdas em comparação com os outros estados. Em 2015, todos os estados do Semiárido amargaram prejuízos. Rio Grande do Norte foi o mais afetado, chegou a -64%, no comparativo com a média dos anos anteriores à estiagem, e, ainda, está prevista uma perda de 76%, em 2016. A produção cearense e piauiense, em 2015, foi 50% menor do que a média 2009/2011, com uma perspectiva de -29% e -41%, respectivamente. Para a Bahia e a Paraíba, as quedas, em 2016, devem ficar em torno de 35%. Já em Pernambuco, em 2016, está prevista uma quebra de 65%, em relação à média. Observe a Tabela 2, abaixo.

Tabela 2 – Porcentagem (%) de perdas de mandioca, por estado, em relação à média de 2009 a 2011.

MANDIOCA					
ESTADO	ANO				
	2012	2013	2014	2015*	2016*
AL	2	-27	-19	-4	3
BA	-31	-42	-33	-42	-35
CE	-34	-58	-33	-50	-29
MA	1	-12	7	-2	-12
PB	-33	-43	-43	-45	-36
PE	-47	-54	-53	-39	-65
PI	-40	-71	-67	-50	-41
RN	-43	-80	-61	-64	-76
SE	-7	-11	-15	-22	-44

Fonte: IBGE. PAM e LSPA (estimativa *2015 e *2016, edição de julho de 2016)

Após análise das informações disponíveis, é possível inferir que, nos estados que possuem um maior número de municípios que integram o Semiárido, há ainda áreas com expressivos efeitos da seca.